

**Sylvia Mikołajczak**  
*Universidad Adam Mickiewicz  
de Poznań*

## **As línguas de fronteira Alguns exemplos das interferências das línguas vizinhas**

### **Abstract**

The natural coexistence of languages remaining in the close geographical contact leads to language transfer. The aim of this article is to present some examples of the transfer that involves the influence between Spanish and Portuguese in Olivença, in Portugal, and on the Brazilian-Uruguay border (the cities of Rivera-Livramento). Therefore, it is anticipated that certain features of the interference occurring in the regions mentioned above may be generalized to reveal some facts about the mechanisms of language acquisition. Moreover, the examples we analyzed lead us to the conclusion that certain regular interference patterns can also be found during the Portuguese lessons with the groups of students of the Spanish philology.

### **Keywords**

Transfer, interference, Spanish/Portuguese comparison, language acquisition.

### **Introdução**

Há algum tempo tem-me ocupado um problema que está relacionado com todos os tipos de processos de difusão de línguas, que é amplamente entendido como a transferência de línguas. Observo os exemplos de tal difusão todos os dias durante o trabalho com os estudantes da Filologia Espanhola nas aulas da língua portuguesa. Os alunos que estão “sob a influência” da língua espanhola produzem exemplos de interferências de maior ou menor regularidade.

Antes de realizar mais estudos com fim de fazer uma classificação de padrões de interferências e da maneira com que se repetem, gostaria de examinar a interpenetração das línguas que estão em interação estreita nas áreas de fronteira. Espero

que esta coexistência natural do português e o espanhol me leve às conclusões que vão resultar úteis na análise das interferências linguísticas presentes na aula da LE.

Sem dúvida, a situação de coexistência de línguas de forma natural e durante as aulas mostra diferenças significativas. Nenhuma das línguas, nem o espanhol, nem o português é língua materna dos alunos, ao contrário das zonas de fronteira. Além disso, deve-se levar em consideração o impacto do idioma polaco, como o nativo dos alunos. Outra característica distintiva é o fato de que a situação na sala de aula é menos natural, de modo que a maioria dos atos de comunicação é artificialmente provocada. No entanto, prevê-se que certas características de interferências podem ser generalizadas para dizer algo sobre os mecanismos regulares de aquisição e de interferências entre línguas, que também podem ser encontrados nas aulas de português com os grupos de estudantes da filologia espanhola.

## 1. Contato de línguas

As situações em que se encontram as pessoas que falam duas línguas diferentes têm como resultado um encontro de línguas. Se houver um desejo ou objetivo de comunicação e esta situação continuar por um longo período de tempo isto levará, mais cedo ou mais tarde, a uma determinada mistura de línguas, ou mesmo a criação de uma nova forma de linguagem. A “mistura” pode tomar formas diferentes. A língua nativa pode afetar significativamente a linguagem mista, ou podem aparecer empréstimos da outra língua na língua nativa. Outro tipo de troca é o “code-switching”, onde existe um intercâmbio sistemático de palavras, expressões ou frases inteiras (T. Odlin, 1989: 7).

O contato de línguas tem uma forma mais avançada ainda, quando as línguas se assemelham, tanto que se pode considerar esta situação como um contato de dialetos. Segundo P. Appel e P. Muysken (1996) “para conceituar a definição de contato lingüístico seria necessário definir a natureza, a escala e o grau desse contato e determinar quem entra em contato com quem: indivíduos, famílias, comunidades ou sociedades inteiras”. A situação de contato gera mudanças no modo de falar dos indivíduos, mudanças que podem ter carácter durativo e repetitivo.

Portanto, vamos considerar dois pontos de contato entre português e espanhol. A primeira situação tem lugar no caso do contato lingüístico entre o português brasileiro (PB) e o espanhol uruguaio (EU) em Livramento. Em termos históricos, o norte do Uruguai foi ocupado durante muito tempo por portugueses e, depois, por brasileiros. Isso explica o fato de haver um maior domínio do português pelos uruguaios do que o contrário. O segundo local do nosso interesse, localiza-se em

Olivença, na vila de Olivença em especial, e em várias aldeias (S. Jorge de Alor, S. Bento, S. Domingos, Vila-Real, Tálga) que fizeram parte de Portugal desde o ano 1297 e que em 1801, como consequência da assim chamada Guerra das Laranjas, passaram para a posse espanhola. Portanto, nesta localização, hoje de fato espanhola, fala-se ainda por uma parte da população a língua portuguesa, mais ou menos castelhanizada. Atualmente, o português só se ouve em algumas casas ou, ainda, nas aldeias, em certos espaços públicos ou semi-públicos como bares ou tascas; mas sempre, exclusivamente, entre as pessoas mais idosas.

### **1.1. O contato lingüístico entre o português brasileiro (PB) e o espanhol uruguaio (EU) em Livramento**

Nos terrenos fronteiriços do Brasil e Uruguai, assim como há uruguaios que falam o português, o que comprovaria uma situação de bilingüismo, também há aqueles que falam uma mistura das duas línguas. Essa mistura, que muitos chamam de *portunhol* ou Dialeto do Português no Uruguai (DPU), tem as características lingüísticas heterogêneas. O raio de confluência é muito fluido e não pode ser determinado sem ambiguidade, limitando-se apenas à fronteira geográfica desse fenômeno.

Alguns pesquisadores têm mostrado que existem na esfera de influência, além do espanhol e português, os dialetos resultantes dos contatos regulares destas línguas denominados como Fronterizo (J.P. Rona, 1965), Dialeto do Português no Uruguai (DPU) (A. Elizaincín, 1987), ou portunhol. Todas estas variedades Sturza chama de “línguas de fronteira” (2006). A variedade conhecida como Fronterizo mostra mais características de uma língua proveniente de áreas rurais, enquanto as variedades DPU têm características das áreas urbanas, e ocorrem nas cidades gêmeas da fronteira Brasil / Uruguai (Jaguarão-Rio Branco, Livramento-Rivera).

O portunhol é reconhecido como uma prática lingüística instituída, seria como uma “terceira língua”. A segunda hipótese é a de que o portunhol é uma “interlíngua”, remete ao processo de aquisição, especialmente do espanhol por parte de falantes brasileiros, e seria uma situação intermediária desse processo no qual os alunos misturam as línguas a nível gramatical e discursivo. É frequentemente utilizado, neste mesmo sentido, pela mídia, na Internet e pelo próprio mercado editorial de livros didáticos da área (E.R. Sturza, 2004).

A. Elizaincín (2004) afirma que o contato espanhol/português faz parte de um tipo muito especial: as duas línguas têm a mesma origem, são então tipologicamente e geneticamente muito próximas e têm forte relação areal. Segundo A. Elizaincín (2004: 18), “génesis, tipología y arealidad compartidas durante siglos provocan convergencias importantes en diferentes sectores de la gramática de las lenguas involucradas”.

Um exemplo, citado pelo autor, é o do verbo *gustar*. No português, esse tipo de verbo constrói-se com o experimentador no nominativo (*eu gosto de*); enquanto no espanhol com dativo (*me gusta*). Mas o contato das duas línguas gera tais enunciados como:

- (1) *Yo gusto de volver temprano.*
- (2) *Juan gusta de María.*

Esse tipo de construção não só é aceita, como também é o que caracteriza linguisticamente a região. Apesar disso, podemos notar sob o exemplo do verbo *gustar* uma tendência geral, se não universal, das línguas em contato para a simplificação. Neste caso, o portunhol tende a utilizar a construção mais simples que exige o uso do nominativo.

Por outro lado, na situação da aula os estudantes costumam utilizar com muita frequência a construção castelhanizada de:

- (3) *Me gosto a música.*
- (4) *Me gosto de música.*

o que prova que no ambiente da aula a tendência geral da simplificação não tem muita aplicação. Aqui, a influência da primeira língua aprendida, o espanhol, é tão forte que se reflete na construção equivalente do português. O que é ainda mais curioso é o fato da construção nominativa ser mais próxima da língua materna dos estudantes, o que não os impede de optarem pela construção espanholizada. Isso prova a observação feita por Weinreich (T. Odlin, 1989: 12) que „the effects of cross-linguistic influence are not monolithic but instead vary accordingly to the social context of the language contact situation”. No nosso caso, a transferência é o resultado da influência indireta da língua materna e a influência direta da língua aprendida coma a língua A. Além disso, estamos a enfrentar aqui dois conjuntos de hábitos de aquisição linguística, dois modelos diferentes que podem ser, ora prestáveis, ora inibitórios.

**Exemplos de construções morfo-sintáticas do dialeto fronterizo**

**• Regência verbal**

Variedades portuguesas do sul do Brasil/DPU	Variedades espanholas distantes do contato
DECIR <b>para</b>	DECIR <b>a</b>
IR <b>en</b>	IR <b>a</b>
IR <b>de</b>	IR <b>en</b> (meio de transporte)

- (5) *Ele falou **para** ela.*
- (6) *Le dijo **a** ella.*
- (7) *Vou **em** Braga.*
- (8) *Voy **a** Braga.*

Uma curiosidade é que os estudantes da Filologia Românica que aprendem português costumam utilizar a construção com a preposição “em”, p.ex.:

- (9) *Vou **em** casa.*

enquanto os estudantes da Filologia Espanhola utilizam “a”.

- (10) *Eu nunca andei **de** metrô aqui.*
- (11) *Nunca anduve **en** metro aqui.*

Neste caso, os estudantes costumam confundir “de” com a preposição “em”.

#### • Tempos compostos

Em todos os tempos compostos e variedades modais compostas costuma utilizar-se ora o auxiliar *té, ora havê*, sendo a segunda a versão mais espanholizada, mais o particípio do verbo em questão. Exemplos:

- (12) *Eu teño amado.* (pretérito perfeito composto)
- (13) *Tu teñ partido.* (pretérito perfeito composto)
- (14) *Eu havia amado.* (pretérito mais-que-perfeito do indicativo)
- (15) *Eu terey amado.* (futuro perfeito do indicativo)
- (16) *Vocês haviaiaũ posto.* (condicional perfeito)
- (17) *Eu haya amado.* (pretérito perfeito do conjuntivo)
- (18) *Tu tivêse partido.* (pretérito mais-que-perfeito do conjuntivo)
- (19) *Tu tivé partido.* (futuro perfeito do conjuntivo)

#### • Conjugação verbal

A conjugação no portunhol não segue as regras de conjugação padrão da língua portuguesa, nem da espanhola. É difícil averiguar um padrão fixo. As formas verbais são muitas vezes formas intermédias do português e espanhol.

Na segunda pessoa do singular dos modos indicativo e conjuntivo, também se conjuga juntando um “s” ao fim da palavra. Exemplos: *tu ama* > *tu amas*; *tu poña* > *tu poñas*.

Na primeira pessoa do plural (em todos os modos) também se conjuga tirando o “s” final. Exemplos: *nós poremos* > *nós poremo*; *nós temíamos* > *nós temiamo*; *partamos* > *partamo* (imperativo). O verbo *pô* (pôr) tem um verbo sinónimo *ponê* (pôr), que é irregular.

Mostramos o exemplo da conjugação do verbo irregular “ir” no presente do indicativo:

- |                   |                              |
|-------------------|------------------------------|
| 1. <i>Eu vo</i>   | 1. <i>Nós vamo</i>           |
| 2. <i>Tu vay</i>  | 2/3. <i>Vocês / Eles vaũ</i> |
| 3. <i>Ele vay</i> |                              |

Vale a pena mencionar que os estudantes também utilizam uma espécie de mistura das formas verbais passadas. Durante as aulas de português ouvem-se por exemplo as seguintes formações verbais: *podo* (1ª pessoa, singular do indicativo), *pones* (2ª pessoa, singular do indicativo), etc.

## 1.2. As características da fala de Olivença

### • Preposições

Aqui a norma geral é não fazer contração alguma (*por o, por a, por os, por as*), contrariando assim o uso geral português (que contrai em *pelo, pela, pelos, pelas*):

(20) *Fizemos por a estrada de Estorili uma excursão.*

(21) *O que está fazendo por a tua fiya.*

### • Diminutivos em -ito

Usa-se o prefixo *-ito* para formar os diminutivos, embora neste caso se use mais o prefixo *-inho* em português, p. ex.: *botanito, manito, canito*.

### • Pronomes pessoais

Aparecem na fala as formas *yo* e *yeu*, que se interpreta como cruzamentos entre formas portuguesa e espanhola, em vez de *eu*.

Para complemento direto algumas formas possivelmente espanholizadas são *lo, la, los, las*:

(22) *Foi a casa, lo contô a muyere.*

(23) *Tu lo sabes.*

### • Tudo e todo

Existem casos de confusão indubitavelmente por influência espanhola. Algumas pessoas apenas empregam *todo*:

(24) *Andemos por todo.*

### • Conjugação verbal

As formas da 2ª pessoa singular no pretérito perfeito simples levam a terminação verbal: *ste>-stes: lavastes / lavastis, fugistes*.

Em Olivença a mudança é sistemática.

(25) *O dia que fostes a Portugale.*

(26) *E como escapastes lá co ele?*

Na terceira pessoa singular ocorre sempre a monoptongação como já vimos, na primeira conjugação: *mudô, estudiô, ficô*. Na segunda conjugação, ela pode ocorrer ou não: *come, vive / comeu, viveu*.

## Conclusões

Experimentamos nas aulas de português em que participam os estudantes da Filologia Espanhola muitos exemplos de transferência linguística. Algumas ocorrências têm uma forma semelhante da interferência lingüística que ocorre nas áreas fronteiriças. O contexto social não é, contudo, igual pelo que alguns dos mecanismos presentes na formação natural de misturas de línguas, incluindo a simplificação, não sempre dão por certo. Em outras palavras, o tipo de transferência que experimentamos na aula de português na universidade é uma espécie de „substratum transfer”, no qual a língua predominante, aprendida como a primeira, influencia à aquisição da segunda língua. Sem dúvida, esse „substratum transfer” vai ter efeitos na sintaxe da língua aprendida.

## Bibliografía

- Appel R., Muysken P., 1996: *Bilingüismo y contacto de lenguas*. Barcelona, Ariel.
- Elizaincín A., 1987: *Nos falemo brasileiro dialectos portugueses en Uruguay*. Montevideo, Editorial Amesur.
- Odlin T., 1989: *Language Transfer: Cross-Linguistic Influence in Language Learning*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Reguer Valiña J.L.: *Os fálares fronteiriços de olivença e campo maior: falar alentejano e diversa castelhanização*, <http://www.alemguadiana.com/portugues/espanol.html> (fecha de consulta: 28.01.2011).

- Rona J.P., 1965: *El dialecto "fronterizo" del Norte del Uruguay*. Montevideo, Universidad de la Republica.
- Sturza E.R., 2004: "Fronteiras e práticas lingüísticas: um olhar sobre o portunhol". *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana (RILI)*, 1 (3) [Madrid: editorial Vervuert], 151—160.